



IRÃ EM CONVULSÃO

Tensão cresce e Trump esvazia base no Catar

Presidente dos Estados Unidos assegura que massacre de manifestantes "está parando" e que regime iraniano suspendeu as execuções. Funcionários abandonam instalação americana no Golfo Pérsico. Guarda Revolucionária promete resposta firme

» RODRIGO CRAVEIRO

Bafe, pressão ou recuo na retórica belicista? Depois de ordenar a retirada de pessoal não essencial da base militar de Al Udeid, no Catar, "em resposta às tensões regionais", o presidente dos Estados Unidos declarou ter sido informado por uma "fonte segura" de que as "execuções" pararam no Irã. "O massacre no Irã está parando. Parou... Encontramos plano para execuções", afirmou Donald Trump, ao ser questionado sobre planos de atacar o regime de Teerã. "Estou certo de que, se isso ocorrer, todos nós fizemos muito chateados. O que chegou até mim é que não vão executar ninguém", acrescentou o republicano.

Horas antes do discurso de Trump, o Judiciário iraniano tinha anunciado julgamentos "rápidos" de manifestantes. Havia a expectativa de que Erfan Soltani, 26 anos, fosse executado ainda ontem. A Anistia Internacional pediu aos aiatolás que "suspendam imediatamente todas as execuções". Até o fechamento desta edição, o destino de Soltani era incerto.

O Reino Unido fechou sua embaixada na capital iraniana. Espanha, Itália e Polônia recomendaram aos seus cidadãos que abandonem o país persa. Segundo a agência Reuters, Trump estaria decidido a levar adiante uma ação militar. Uma autoridade europeia chegou a dizer que a ofensiva ocorreria hoje. O comandante da Guarda Revolucionária avisou que Teerã está "preparado para responder com firmeza" aos EUA e a Israel. "A Guarda Revolucionária está no nível máximo de preparação", declarou Mohammad Pakpour. À noite, o Irã fechou o espaço aéreo e cancelou todos os voos internacionais. Teerã ameaçou retaliar um bombardeio com ataques a bases militares americanas no Oriente Médio. Os EUA mantêm 40 mil soldados na região.

Adversários de Teerã, os governos de Arábia Saudita, Omã e Catar reforçaram os canais diplomáticos com Washington para demover a Casa Branca de uma iniciativa belicosa. Abbas Araghchi, chanceler iraniano, assegurou que o regime teocrático islâmico tem "total controle" dos protestos. "Após três dias de operação terrorista, agora há calma", afirmou.

A organização Iran Human Rights (IHR), sediada em Oslo (Noruega), anunciou que 3.428 manifestantes foram mortos e 10 mil acabaram detidos. Pelo menos 100 militares também morreram em confrontos — alguns deles foram sepultados ontem.



Iranianos participam de funeral coletivo de militares mortos nas manifestações em Teerã: mais de 100 soldados perderam a vida

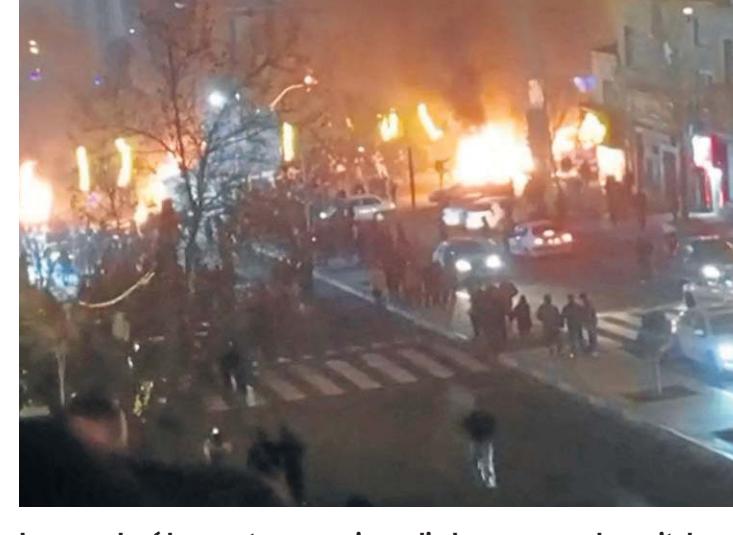


Imagen de vídeo mostra carros incendiados em praça da capital



Familiares diante de corpos de vítimas da repressão, no necrotério

Kamran Teymouri, ativista de direitos humanos curdo iraniano e membro da ONG Hengaw, colocou em xeque a declaração de Trump. "Ele diz coisas controversas e ataca instalações nucleares iranianas durante negociações com o regime. Talvez isso faça parte de sua operação de desinformação", afirmou ao Correio. "Trump muda de decisão

de tempos em tempos, é uma tática. Um ataque é uma forte possibilidade, pois o próprio presidente disse que o regime cruzou uma linha vermelha."

Imprevável

"Com o presidente Trump, nada é claro. Ele continua tão imprevisível como sempre. Mas considero o risco

de conflito como perigosamente alto", admitiu ao Correio Ali Vaez, especialista em Irã do think tank International Crisis Group. Ele explicou que os vizinhos do Irã temem que mesmo um ataque de proporções limitadas coloque-os em meio ao fogo cruzado. "Isso aconteceu com o Catar, em junho, quando Israel e EUA atacaram o território iraniano. Essas

nações também temem que, se os americanos partirem para um ataque direto, isso possa transformar um país de 90 milhões de habitantes em mais um Estado falido, com instabilidade, radicalização e fluxo migratório intenso para seus territórios."

Para Majid Rafizadeh, especialista em Oriente Médio pela Universidade de Harvard, Trump pode ser visto

» Plano para Gaza avança

O plano impulsionado pelos Estados Unidos para pôr fim à guerra em Gaza avançou para a segunda fase, após alcançar um acordo para formar o comitê palestino que administrará o território durante a transição, afirmou o enviado americano Steve Witkoff. O Egito anunciou que foi alcançado um "consenso" entre todas as partes sobre os 15 membros que integrarão o comitê tecnocrático palestino encarregado de administrar a Faixa de Gaza no âmbito do plano promovido pelo presidente dos Estados Unidos, Donald Trump. Segundo Witkoff, a proposta de Trump avança de "um cessar-fogo para uma desmilitarização e uma administração tecnocrática e de reconstrução". O programa de 20 pontos apresentado em outubro pelo republicano, após dois anos de guerra, prevê que esse comitê de transição governe o território palestino sob a supervisão de um Conselho de Paz, presidido pelo próprio Trump.

como um incitador e, sob um senso político limitado, um líder simbólico dos protestos no Irã. "Apesar de não ser um líder operacional no terreno e de não organizar ou coordenar ações dentro do país, suas declarações vão além de simples comentário. Trump fornece direção política no nível narrativo, encoraja a escalada e a persistência dos protestos, assinala apoio internacional e enquadra a luta como parte de um confronto mais amplo com a República Islâmica do Irã", explicou ao Correio.

O estudioso de Harvard lembrou que regimes autoritários quase sempre reclamam, falsamente, controle sobre os protestos. "No Irã, 'controle' significa repressão pesada, prisões em massa, bloqueios de internet, mobilização das Forças Armadas e das milícias Basij — grupo paramilitar subordinado à Guarda Revolucionária. A transformação dos protestos em grande revolta depende de três fatores: da continuidade das manifestações; da expansão para setores-chave do Irã (funcionários da indústria petrolífera e do setor de transportes, professores e comerciantes); e de fraturas entre a elite e o regime iraniano", disse.

VENEZUELA EM TRANSE

Líder interina anuncia "novo momento político"

A presidente interina da Venezuela, Delcy Rodríguez, anunciou um "novo momento" no país, à medida que avançam as excarcações de presos políticos que ela prometeu sob pressão dos Estados Unidos. O processo de liberações foi divulgado na quinta-feira passada, cinco dias depois da captura de Nicolás Maduro durante um bombardeio dos Estados Unidos em 3 de janeiro. As últimas liberações incluem o renomado ativista opositor Roland Carreño, jornalista de profissão, e se somam às de cidadãos americanos anunciadas na véspera pelo Departamento de Estado em Washington.

O sindicato de jornalistas informou 18 liberações até às 15h30 de



Delcy Rodríguez entre o irmão, Jorge Rodríguez (E), presidente da Assembleia Nacional, e Diosdado Cabello, ministro do Interior

políticos desde dezembro, em um processo que garantiu ter sido iniciado ainda com Maduro. Seu governo informou que, nesta

"longa" com o presidente americano, Donald Trump. O republicano, por sua vez, a qualificou como uma "pessoa formidável".

Mantive uma longa, produtiva e cordial conversa telefônica com o presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, realizada em um marco de respeito mútuo", escreveu Rodríguez em sua conta no Telegram. "Abordamos uma agenda de trabalho bilateral em benefício de nossos povos, assim como

assuntos pendentes na relação entre nossos governos."

"Tivemos uma longa ligação, discutimos muitas coisas, acho que tudo vai muito bem com a Venezuela", confirmou Trump a jornalistas no Salão Oval da Casa Branca. O republicano evitou uma resposta clara ao ser questionado sobre possíveis resistências do "número dois" do governo venezuelano, em alusão ao ministro do Interior, Diosdado Cabello, em colaborar com Washington. "Eu conheço a número um", respondeu Trump a uma pergunta. "Acabamos de ter uma conversa hoje. É alguém com quem trabalhamos muito bem. (O secretário de Estado) Marco Rubio negocia com ela", acrescentou.